

Ciberespaços: Educação em Cooperativas

Joana Darc Venancio
(Joana.venancio@uol.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/5552063442587198>)

No silêncio do pensamento, já percorremos hoje as avenidas informacionais do *Ciberespaço*, habitamos as imponderáveis casas digitais, difundidas por toda parte, que já *constituem* as subjetividades dos indivíduos e dos grupos. (...) Ele traz consigo maneiras de perceber, sentir, lembrar-se, trabalhar, jogar e estar junto. (Lévy,1998:104/105)

Não é necessária pesquisa aprofundada para afirmar que as tecnologias mudaram o comportamento individual e coletivo. No entanto, esse avanço em muitos casos, levando em conta a condição cultural e econômica da população, foi mais acelerado do que a capacidade de adaptação dos sujeitos a ela. As tecnologias não mudam somente o dinamismo diante dos fatos; ela muda os paradigmas e em alguns casos os conceitos. Podemos citar que o conceito de “distancia”, por exemplo, modifica-se frente à condição da virtualidade, pois torna próximo o distante e aproxima o afastado. O avanço tecnológico aconteceu de forma súbita e quase inacreditável. A ciência parece ter tido um tempo de muita pressa e despejou tantos aparatos tecnológicos que nem conseguimos dar conta de suas múltiplas utilidades e serviços, mas sem dúvida nenhuma não podemos ou devemos negar sua importância e utilidade.

Esse parece um caminho sem volta. Já não somos o mesmo. A comunicação mudou. Hoje somos impelidos a uma comunicação sem perda de tempo. A cada minuto são novas idéias, novas descobertas, novas informações. Por isso nos encantamos com os “ciberespaços”, pois somos, vamos, viajamos, informamos e nos formamos na mesma velocidade com que piscamos. Há nesse tipo de comunicação a otimização de tempo e de espaço que jamais pudemos imaginar. Levamos alguns segundos para enviar uma mensagem para muitas pessoas, enquanto anteriormente eram dias para enviar para uma única pessoa a mesma mensagem. Até mesmo os Correios buscaram alternativas para se manter nesse contexto onde as novas tecnologias determinam a dinâmica social. As demais esferas sociais, compreendendo os hospitais, os Fóruns Judiciários, a

Polícia, a Religião e, acima de tudo, a Educação, não podem negligenciar esse contexto.

Falando em Educação, lembro-me de uma história, de autor desconhecido: “Um homem por causa de um feitiço dormiu cem anos. Ao acordar, um século depois, quis visitar as Instituições para matar a saudade. Assim fez! Visitou Hospitais, Forças armadas, Polícia, Igrejas. Surpresa, mudanças e susto! O homem ficou perplexo. Por todos os cantos a tecnologia imperava e era perceptível sua utilidade e eficiência. No entanto, ele percebeu que faltava visitar uma Escola. Lá foi ele! Quando entrou suspirou aliviado: - Agora sim, estou me sentindo em casa. É como se eu não tivesse dormindo por cem anos!” A Escola, como um grande e fundamental local onde acontece Educação não pode temer as tecnologias. Não é possível pensar que a Escola não compreenda que uso dos aparatos tecnológicos devem ser colocados a serviço da formação e da informação do sujeito. Nunca podemos assistir e participar tanto das descobertas conceituais como agora. Evidente, que temos que nos preocupar com o “taylorismo educacional”, mas o sujeito da aprendizagem (aluno) já não é mais o mesmo do sujeito da aprendizagem de décadas atrás, pois hoje é inegável a influência da internet em seu cotidiano. Diante de um exame laboratorial, por exemplo, já é uma rotina procurar na internet a explicação dos resultados, antes mesmo de levá-lo para análise do médico. A Escola não pode fingir que não está vendo o estabelecimento desse novo contexto. Mais do que nunca, a escola deve ser facilitadora e estar em sintonia com as inovações, se ajustando as mudanças que beneficiam a aprendizagem, a pesquisa, a formação e informações. É claro, sem perder de vista sua capacidade de refletir sobre as mudanças que rompem com os valores éticos. Para tanto, os Professores deverão ser preparados para a utilização dos modernos recursos tecnológicos e empregá-los no processo pedagógico, sem, no entanto, fazer deles somente substitutos de recursos antigos, mas compreendendo que sua utilização está a serviço de uma Educação de qualidade e de incentivo á formação plena do sujeito que não pode esperar. É muito preocupante a idéia de que a Escola esteja equipada com todos, ou muitos recursos tecnológicos de primeira linha, mas não mudou também sua forma de

conceber a Educação e o processo de ensino-aprendizagem. De nada adiantarão tais recursos se a prática vivenciada pela equipe escolar negar a construção do conhecimento como condição de participação coletiva. Se a equipe escolar não for imbuída por tornar a escola um espaço de relações humanas com o conhecimento, estará fracassada a idéia do uso dos recursos tecnológicos como avanço educacional, pois eles serão recursos como outro qualquer servindo ao ato mecânico do processo ensino-aprendizagem. Afirma Lévy:

A evolução do sistema de *formação* não pode ser dissociada da evolução do sistema de *reconhecimento* dos saberes que a acompanha e a conduz. Como exemplo, é sabido que são os *exames* que, validando, estruturam os *programas de ensino*. Usar todas as novas tecnologias na educação e na formação sem mudar em nada os mecanismos de validação das aprendizagens seria o equivalente a inchar os músculos da instituição escolar bloqueando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de seus sentidos e de seu cérebro. (LÉVY 1999.p. 42)

A chegada dos equipamentos tecnológicos na Educação, dando ênfase a escola, acaba por impor uma nova mentalidade. Um novo paradigma. Um paradigma da aquisição de habilidades e de competências que possam fazer da tecnologia uma aliada indispensável ao processo de formação do indivíduo. Para tal é necessário a disposição de aprendizado de seus mecanismos e aplicabilidades e a compreensão de que este processo é contínuo, pois um recurso torna-se com brevidade obsoleto e os envolvidos no processo educacional deverão estar em constante mutação, assim como os avanços da tecnologia. Outra questão é a superação do medo. Muitas gerações foram criadas pela metodologia do medo de tocar e utilizar a tecnologia, pois essa era compreendida, e na verdade era assim, como instrumento de pessoas qualificadas para tal. Era recurso de grandes cientistas. A superação do medo é uma urgência, principalmente para quem se pensa professor, pois ao contrario será superado pelo próprio aluno, deixando de cumprir seu papel no contexto que a ele foi exigido.

Hoje um novo cenário se abre diante da Educação, que é a Educação Online. Esse novo desafio tem sido difundido e cada dia mais conceituado como

proposta viável de formação. Um dia essa dicotomia entre educação presencial e educação a distância irá desaparecer, tornando a EAD uma condição inerente à Educação. “A demanda de formação é maior do que nunca” (LÉVY 1999.p.41). Há uma necessidade que emerge de toda parte que vê na educação um caminho. Há uma busca de conhecimento, de formação e não é mais possível negligenciar essa verdade. O conhecimento ganhará todos os espaços, ocorrerá o “dilúvio de informações” (LÉVY 1999.p.41) e toda essa “turbulência e desordem” (LÉVY 1999.p.48) não terá volta à terra firme. Teremos que nos acostumar a ela e continuar contribuindo com a enchente através das pesquisas, das descobertas, do desejo de saber e de reinventar o conhecimento.

Nesse sentido, a educação online tem um definitivo papel, pois essa se define pela comunicação feita pela internet com o uso do computador como ferramenta favorecendo a elaboração coletiva do saber pela troca instantânea de informações, pelo acesso ilimitado às fontes de informação e pela formação de redes democráticas de conhecimento e de relacionamento. Traz maior acesso, menos custo, flexibilidade, continuidade e interatividade. Ambientes de aprendizagem dinâmicos que garantem a motivação.

Pensar a Educação é necessariamente pensá-la na emergência do ciberespaço e compreender que os *critérios de pertinências* devem ser pensados de acordo com a necessidade de cada um. Nesse sentido Lévy apresenta a proposta de que “a Grande Arca deveria ser substituída por uma frota de pequenas arcas, pois a primeira mantém a idéia de totalidade naquilo que separamos para salvar do dilúvio, no nosso caso o dilúvio de informações.

Na segunda proposta é possível pensar nas “miríades de pequenas totalidades, diferentes, abertas e provisórias (...) reconstruídas pelos coletivos que se cruzam ou se misturam sobre as grandes”. (LÉVY 1999.p.161) Continua Lévy no mesmo texto:

Assim sendo, tornam-se necessárias duas grandes reformas dos sistemas de educação e formação. Primeiro, a adaptação dos dispositivos e do espírito do aprendizado aberto e à distância (AAD) no cotidiano e no ordinário da educação. É verdade que o AAD explora certas técnicas do ensino à

distância, inclusive a hipermídia, as redes interativas de comunicação e todas as tecnologias intelectuais da cybercultura. O essencial, porém, reside num novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, os aprendizados personalizados e o aprendizado cooperativo em rede. Nesse quadro, o docente vê-se chamado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um dispensador direto de conhecimentos. A segunda reforma envolve o reconhecimento do aprendido. Ainda que as pessoas aprendam em suas experiências profissionais e sociais. Ainda que a escola e a universidade estejam perdendo progressivamente seu monopólio de criação e transmissão do conhecimento, os sistemas de ensino públicos podem ao menos dar-se por nova missão a de orientar os percursos individuais no saber e contribuir para o reconhecimento do conjunto de know-how das pessoas, inclusive os saberes não-acadêmicos. As ferramentas do ciberespaço permitem considerar amplos sistemas de testes automatizados acessíveis a todo o momento e redes de transação entre a oferta e a demanda de competência. Ao organizar a comunicação entre empregadores, indivíduos e recursos de aprendizado de todas as ordens, as universidades do futuro estariam contribuindo para a animação de uma nova economia do conhecimento. (LÉVY 1999.p. 34)

A Educação não pode mais fugir a idéia de que o ciberespaço, através do uso do computador, se transformará em pouco tempo na maior rede de transações, sejam elas econômicas, culturais, cognitivas e de lazer. O computador será em breve “o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação”. O ciberespaço não demora a se tornar, através de suas mais variadas performances: comunidades virtuais, sites de busca, imagens e demais canais, o “mediador da inteligência coletiva”. Não será possível dar conta do oferecimento de professores para tamanha demanda. Cabe a sociedade reinterpretar o papel do professor. Sua função não está fadada ao desaparecimento, mas sofrerá uma mutação e uma “(...) mudança qualitativa nos processos de aprendizado” inaugurando assim a idéia de que a “(...) perspectiva da inteligência coletiva no domínio educativo, é aprendizagem cooperativa” (LÉVY 1999.p.41). Um novo projeto para o professor aponta Lévy:

O professor não é mais um difusor do conhecimento, mas um animador da inteligência coletiva. Professores e alunos partilham os mesmos recursos materiais e informacionais. Não é obrigatório o uso da tecnologia a qualquer custo, mas

“acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização”. (LÉVY 1999.p. 158)

Os avanços tecnológicos tem sido fonte de muitos conhecimentos. Eles abrem possibilidades infinitas e nos impele a buscar mais e mais. Evidente que também nos coloca frente aos mais variados desafios, alguns assustadores, mas não ousemos negar que em qualquer campo da existência humana eles têm contribuindo para melhorar a condição de vida, principalmente democratizando saberes que até então era reservado ao conhecimento de alguns poucos privilegiados. Diante dessa constatação, parece inegável que a Educação tem que acompanhar os novos rumos. Não se trata de um descartar da Educação até agora estabelecida, mas o entendimento de que com o “dilúvio de informações” pelos mais diferentes meios de comunicação, principalmente após o apogeu da internet, que as informações tornam-se obsoletas a cada instante e precisam ser renovadas. Evidente que não deve se abrir mão do processo de seleção, avaliação e discernimento, transformando-as em conhecimento válido, relevante para a formação integral do sujeito. Sendo irrevogável a presença das tecnologias em nosso modo de vida, em nosso cotidiano as escolas e seus professores devem perceber a necessidade de construir projetos pedagógicos cada vez mais afinados e sintonizados com esse novo modelo. Não basta apenas dominar o uso das tecnologias, mas se faz urgente entendê-las como instrumentos de construção da cidadania na medida em que servem ao esclarecimento, desvelamento e socialização das descobertas científicas e das experiências humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do Ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

SOBRE A AUTORA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Iguazu e Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Doutoranda em Filosofia, em fase de Tese, pela Universidade Gama Filho, RJ, tendo como orientador o Prof^o Dr. Edson Peixoto de Resende Filho na linha de pesquisa: Estudo dos Fundamentos Metafísicos da reflexão ética. Possui Curso de Teologia Pastoral pela Universidade Santa Úrsula/IFITEPS e Pós Graduação em Gestão pela Universidade Salgado de Oliveira. Atualmente é professora da Universidade Estácio de Sá (Graduação e Pós-Graduação) e do Instituto de Filosofia e de Teologia Paulo VI. Atuou na orientação educacional e pedagógica do Instituto de Educação Santo Antônio/NI por 16 anos. Atuou como professora assistente da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Duque de Caxias e como Professora substituta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua dissertação de mestrado foi fundamentada na análise da influência do Pragmatismo (Peirce, William James, Dewey) no modelo brasileiro de educação, principalmente o da Escola Nova de Anísio Teixeira. Tem larga experiência em Escola pública atuando em sala de aula e na Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu. Na escola privada lecionou Filosofia, Ética, Ensino Religioso e Sociologia. Possui larga experiência docente nos diversos níveis da Educação Básica e no Ensino Superior, onde ministra disciplinas nas áreas pedagógicas e de Filosofia e Sociologia. Também possui experiência na área de Orientação Educacional e Administração Pedagógica. Na rede Pública atuou na Secretaria de Educação de Nova Iguaçu (concursada) e na Secretaria de Educação de Japeri (contratada).